

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ÂMBITO ESCOLAR

Erica Dantas da Silva ¹

RESUMO

Este trabalho objetiva abordar algumas questões referentes às relações interpessoais estabelecidas no âmbito escolar, a partir de um questionário aplicado com duas professoras atuantes no Ensino Fundamental, sendo que uma atua no 3º Ano e a outra no 5º Ano, ambas do município de Cajazeiras PB. Como aporte teórico ancoramo-nos em autores como Arruda, Freire, Haydt (1995), Freire (1996), Arruda (1998), entre outros. A partir das discussões tecidas percebemos como se realizam o processo das relações interpessoais tanto no âmbito escolar interno como externo, possibilitando-nos uma visão esclarecedora da relação existente entre professor/aluno, professor/comunidade, professor/professor, professor/gestão, bem como as influencias que estas relações ocasionam no que se refere ao processo de ensino aprendizagem e do próprio trabalho pedagógico desenvolvido por eles.

Palavras-chave: Relações interpessoais, Professor-aluno, Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O processo de comunicação e interação tornam-se instrumentos de relevante importância no que se refere ao desenvolvimento do conhecimento, uma vez que, este é um aspecto primordial para a evolução do homem enquanto ser pensante, social e cultural. No qual este necessita por sua própria natureza humana mediar relações com outros seres, pois o homem é um ser geneticamente social (FREIRE, 1996).

Sendo importante ressaltar que este processo se torna ainda mais imprescindível quando se trata das relações estabelecidas no âmbito escolar, levando em consideração, que é neste ambiente que estas relações devem ocorrer de uma forma ainda mais intensa, pois é através destes elementos que se torna viável o processo de socialização, conhecimento do outro/de si mesmo, conhecimento de mundo, troca de experiências e/ou saberes, etc.

Dessa forma, pode-se apontar segundo Arruda (1998) que a singularidade chama atenção para o fato de sermos diferentes; a subjetividade chama atenção para o fato de que nós somos “os outros”, isto é, construímo-nos de relações, de experiências que estabelecemos e vamos estabelecendo a cada dia.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande UFCG, ericadantasdasilva70@email.com;

A partir desse entendimento, pode-se constatar que é justamente essa singularidade intrínseca a cada sujeito que o torna um ser único. E sendo assim, por ser único acaba por somar no que o outro já é, na singularidade que o outro já possui. E, desse modo, formam-se enquanto sujeitos sociais que se relacionam no e com o mundo, bem como junto aos outros, que também são singulares entre si. Nessa perspectiva, vale frisar a importância destas relações no entendimento na esfera escolar, levando em consideração que:

Do ponto de vista formal das relações interpessoais, portanto, a relação professor-aluno não apresenta novidade e pode ser, até, uma relação fracamente estruturada e de pequena significação. A sua importância reside no fato de o professor, dentro da sala de aula, atuar como transmissor dos padrões de cultura, e ser o responsável pela avaliação de algumas qualidades sociais muito importantes para o aluno. Em alguns dos aspectos básicos da vida social, a auto avaliação é fornecida pela escola; mais importante ainda, pelo menos nas cidades contemporâneas, a escola é o ponto de passagem entre a identificação da família e a identificação mais ampla do grupo social externo. (LEITE, 2008 p. 289)

Nessa acepção, percebe-se que se os educadores não se propuserem a atribuir um sentido a essa relação estabelecida com os educandos, essa interação não terá uma estrutura consistente e, portanto, não influirá no processo de desenvolvimento educativo. É importante também que para a obtenção de êxito neste processo, é fundamental que o docente seja o mediador dos valores e normas valorizados pela cultura onde o educando está imerso, para que assim a escola torne-se um espaço tanto de construção de conhecimento, como também um espaço no qual o discente possa perceber sentido para a sua realidade.

Um alto grau de empatia talvez seja o fator mais relevante numa relação, sendo, sem dúvida, um dos fatores mais importantes na promoção de mudanças e de aprendizagem. [...] quando o professor demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem melhora (ROGERS, 1977, p. 42).

Percebe-se desse modo, o quão essencial é que o docente exerça continuamente o exercício da empatia, elemento este imprescindível no que se refere ao trabalho pedagógico, levando em consideração que se assim for posto em prática, torna-se uma forma de valorizar as vivências trazidas do educando, bem como de entender e perceber como ele se sente e se reconhece diante das situações experienciadas cotidianamente no âmbito escolar.

Nesse sentido, elucidamos que “Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições

diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida” (GRILLO, 2004, p. 79).

Nessa troca de experiências, os professores interagem de forma direta com os alunos, consolidando uma relação de confiança, que ajuda a tornar a sala de aula um ambiente agradável e propício ao aprendizado. Os aspectos pessoais que cada educando traz ao docente, fazem parte da relação emocional e de confiança entre alunos e professores.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser bibliográfica com abordagem qualitativa, em que esta oportuniza ao pesquisador o contato direto com a situação a ser pesquisada, e também por apresentar características que se adequam, mais satisfatoriamente, as pesquisas do âmbito educacional e social, levando em consideração os processos de compreensão, análise e interpretação de um determinado objeto de estudo/pesquisa. Nessa acepção, Oliveira (2016) pontua que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômeno da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa. Os dados podem ser obtidos através de uma pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações. (OLIVEIRA, 2010, p. 60).

No que se refere à técnica utilizada para a coleta de dados foi um questionário com questões abertas, em que este caracteriza-se por ser: [...] “O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção for feita pelo pesquisador, seu preenchimento será realizado pelo informante ou respondente” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 108). A análise dos dados coletados foi feita à luz dos teóricos discutidos neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante aos aspectos que aqui foram explanados, iremos a seguir apresentar os resultados de um questionário desenvolvido com duas educadoras do Ensino Fundamental I,

ambas atuantes no 3º e 5º ano. Sendo que a docente do 3º ano, cujo sexo é feminino, 40 anos de idade, possui a modalidade do pedagógico e também é graduada em Pedagogia. Tem como área de atuação o Ensino Fundamental I, com 23 anos de experiência em sala de aula.

Enquanto que a segunda entrevistada, também do sexo feminino, 40 anos de idade, tem graduação em Letras, com especialização em Psicopedagogia, com atuação na fase I do Fundamental, com 20 anos de experiência no âmbito escolar. No decorrer do trabalho iremos identificar as referidas entrevistadas com os seguintes pseudônimos: A atuante no 3º ano, vamos denominá-la de “Corrinha” e a do 5º ano, chamaremos de “Sol”, para fins de confidencialidade.

A seguir, serão elencados os questionamentos realizados com as referidas docentes, ao que se refere as relações estabelecidas no âmbito escolar. Sendo assim, foi questionado como ambas se sentem no ambiente escolar, obtendo-se como resposta a seguinte afirmativa:

Corrinha: Em relação ao meu ambiente de trabalho, tenho amor, pelo conjunto completo, escola, alunos e funcionários. Me sinto muito bem como se estivesse no meu lar.

Sol: Me sinto bastante confortável. Pois é um ambiente muito acolhedor e harmonioso.

Verifica-se com base no que nos foi apontado que ambas as educadoras se sentem bem e acolhidas nos seus respectivos ambientes de trabalho. Não os percebendo como ambientes “externos” a vida delas, mas como um lugar que as pertence enquanto sujeitos sociais. Nesse sentido, Freire (1996) nos explicita que: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1996, p. 103).

Dessa forma, observa-se a importância que há em existir esse clima escolar harmonioso e equilibrado, pois se assim for, o docente de fato se sentirá apoiado e acolhido por aqueles que fazem parte do seu convívio no âmbito escolar. Propiciando assim, impactos benéficos no tocante ao espaço que decorre o processo educativo. Nesse sentido, pontuamos que: “A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza.” (FREIRE, 1996, p. 90).

Vale frisar, que a afetividade se torna um elemento imprescindível no que se refere tanto ao trabalho desenvolvido pelo docente quanto pela aprendizagem construída pelo educando, fator este que oportuniza um melhoramento no processo educativo. Sendo importante destacar que a afetividade nem sempre se constitui como algo apenas positivo, mas que esta caracteriza-se pelo fato do sujeito afetar-se tanto por questões positivas quanto negativas.

Daí a relevante importância de trabalhar-se este elemento no âmbito escolar, juntamente com o exercício da empatia a fim de possibilitar aos educandos autonomia e capacidade de

criticidade e reflexão próprias. Rodrigues e Garms (2006) explanam que sendo a escola um espaço onde as emoções estão presentes, o professor é também responsável em fomentar as emoções dos alunos contemplando o desenvolvimento como um todo”.

O docente constitui-se dessa forma, como o mediador deste processo, no qual este deve valorizar as singularidades pertinentes a cada discente, bem como respeitar a forma de ser, pensar e agir de cada um. Estes são elementos presentes no aspecto da alteridade. Em seguida, foi indagado acerca da relação estabelecida com os colegas de trabalho, tendo como resposta que:

Corrinha: Graças a Deus, tenho uma ótima afinidade com cada um deles, me relaciono com facilidade com essa família que construí. E essa afinidade vai além da escola, pois todos nós nos relacionamos fora dela.

Sol: Agradável e de muito carinho. Interajo muito bem com todos eles, nunca tive problemas com nenhum funcionário. É uma relação de profissionalismo, e além de tudo de muita amizade.

Percebe-se dessa forma, que ambas as docentes possuem um bom relacionamento com os seus respectivos colegas de trabalho, no qual é enfatizado que há uma relação permeada de muito carinho, respeito e afinidade, sendo estes elementos fundamentais para uma boa convivência entre os membros da comunidade escolar.

Sendo importante ressaltar que esta relação vai além da sala de aula, fazendo-se presente também no convívio social, nos espaços extraescolares. O que torna essencial para o exercício de uma boa atuação pedagógica. Nessa perspectiva, Freschi (2013), nos ressalta que:

Quando pensamos na importância das relações interpessoais, não podemos restringir somente para o âmbito da sala de aula. Em qualquer ambiente de trabalho as relações precisam ser positivas para um bom rendimento do profissional. Nas escolas, em decorrência de muitos problemas existentes na educação, muitas vezes, o que encontramos são professores e funcionários desgastados e estressados. Esses fatores podem tornar as relações entre as pessoas superficiais e gerar um afastamento entre os próprios colegas de trabalho. Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem boas, o professor na sala de aula não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido. (FRESCHI, 2013, p. 11.)

Percebe-se, conforme o que foi explanado acima, o quão importante se faz estas relações interpessoais não somente no que se refere as relações envolvendo professores e alunos, mas também se faz imprescindível que estas ocorram de forma satisfatória entre todos os docentes

que compõem o corpo pedagógico. Uma vez que, este aspecto influencia de forma direta no trabalho desenvolvido com os educandos.

Posterior a isso, foi perguntado a respeito da relação das docentes com a direção da escola, sendo assim ambas nos responderam que:

Corrinha: Tenho muito respeito pela minha diretora, confio muito nela, ela passa muita segurança e confiança para todos. Não é uma relação de autoritarismo, pois ela sempre está disposta a dialogar e resolver os assuntos da escola com todos que trabalham nela.

Sol: Satisfatória. Pois, desde que eu comecei a trabalhar na escola, sempre tive uma relação de muito respeito e carinho com a minha diretora. Ela sempre se mostrou muito aberta a aceitar as opiniões de todo mundo, sempre está disposta a trabalhar em conjunto. Então minha relação com ela é muito boa.

Constata-se dessa forma, que a relação estabelecida entre as docentes com a gestão escolar, dá-se de forma muito positiva, levando em consideração que há a presença de elementos tais como: o respeito, interação, confiança e diálogo, constituindo-se como aspectos essenciais para um bom convívio e desempenho no trabalho desenvolvido na esfera escolar. Nessa concepção, Colling (2012) nos elucida que:

O gestor vai influenciar indiretamente no trabalho do professor, para isso há de se tornar agente facilitador na relação com o professor, proporcionando uma estrutura escolar harmônica e organizada, em que o mesmo desenvolva autonomia para um planejamento flexível, com oportunidade de acesso à formação continuada, resultando em ações positivas, reflexivas e inovadoras, para uma aprendizagem consistente e sólida tendo como objetivo a formação integral do educando. (COLLING et al, 2012, p. 4)

Dessa forma, nota-se a interferência da relação estabelecida entre os docentes com a gestão escolar, haja vista que, essa interação irá ocasionar influências diretas e indiretas na aprendizagem dos educandos, bem como no trabalho do educador. Pois enquanto pessoa atuante na função de gerir uma escola, este deve oportunizar condições e situações positivas de boa convivência entre todos aqueles que compõem a comunidade escolar, como também favorecer a concretização de questões relacionadas a estrutura, organização e sistematização do trabalho escolar, nos quais estes encontram-se integrados entre si.

Nessa perspectiva, foi questionado como se dá a relação com os alunos, na qual as docentes afirmaram que:

Corrinha: Com minhas crianças, gosto de conversar com cada uma delas para conhecer um pouco mais de suas vidas. Assim, contribui para facilitar a minha prática e rotina.

Uma das atividades que eu costumo realizar em sala, geralmente nas segundas feiras, é de perguntar a cada um o que aconteceu no final de semana, para que eu possa ter o conhecimento melhor de como é a vida deles.

Sol: De muito carinho e afeto. Pois, eu sempre procuro entender a realidade vivida por cada um, entender os seus problemas, para que eu possa buscar através da minha prática ajudá-los de alguma forma.

Observa-se com base no que nos foi apontado que a relação estabelecida entre as referidas docentes com os seus respectivos alunos, é permeada de sentimentos positivos, tais como, carinho, afeto e amor, bem como percebe-se a existência do diálogo como centro da sua ação pedagógica, na qual sem este elemento não se torna possível a concretização de uma prática eficaz. Nesse sentido explanamos que:

Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. (HAYDT, 1995, p.87)

Nessa perspectiva, é relevante ressaltar a importância que se faz, principalmente no contexto atual, da realização do diálogo nos vários âmbitos da vida humana, sobretudo, na esfera educacional. No qual, por meio deste é viável que haja a intensa troca de experiências e interações mediadas exatamente pelo diálogo. Sendo importante frisar que o educador dialógico aproveita as situações problematizadoras decorrentes na sala de aula, para a partir destas propiciar o diálogo entre e com os educandos.

Com o intuito de minimizar a distância estabelecida hierarquicamente, de que o professor é a autoridade maior no âmbito da sala de aula, e que os demais devem ser submissos a ele. Logo, o diálogo vem a contribuir para que haja a efetivação de uma prática pedagógica pautada em uma relação dialógica. Posteriormente, foi interrogado quanto a relação que se tem com os familiares dos alunos, tendo como enunciação que:

Corrinha: Temos uma relação muito boa, até porque essa é a essência da busca para se saber mais do aluno e juntar as duas parcerias entre professor e pais nessa busca de soluções é muito importante, pois é uma forma de poder conhecer a criança de maneira mais completa e entender muito sobre o comportamento que cada um tem.

Sol: Nas vezes que tenho a oportunidade de encontrá-los é bastante amigável, pois eu sempre procuro me dispor de manter uma relação com os pais tanto dentro da escola, como

fora dela, principalmente com o uso das redes sociais, que é uma forma de mantê-los informados sobre o rendimento e comportamento das crianças.

Nessa perspectiva, percebe-se que as afirmativas das educadoras, assemelham-se pelo fato de que ambas enfatizam a relevante importância dessa relação família/escola, como uma forma de compreender melhor a realidade vivenciada pelo educando. Haja vista que, a troca de experiências perpassadas por ambas as instituições permite que a criança se construa como um ser social, bem como oportuniza efeitos positivos na aprendizagem dela quando essa interação entre estas instâncias ocorre de forma satisfatória. Nessa concepção, tem-se a compreensão que:

[...] é possível conceber um ser humano como algo que não é, de modo algum, alguém “isolado”, “separado”, de tudo o mais, de um lado; nem alguém que é apenas uma peça de “máquina”, de outro. [...] O filósofo Agostinho de Hipona emprega, para designar essa concepção de ser humano, o conceito de pessoa. E pessoa, para ele, é relação, isto é, alguém que é um, que constitui uma unidade, mas ao mesmo tempo não pode “ser” em completude “os outros”; para “ser” ele necessita intrinsecamente dos outros. Pessoa é relação (ARRUDA, 1998, 153).

Desse modo, a partir disso, pode-se apontar que para que a educação possa ser um processo abrangente e consistente, necessita que se estabeleça relações interpessoais entre as mais variadas instâncias que compõem a unidade escolar, de forma a possibilitar um trabalho educativo mais crítico e reflexivo.

Sendo importante ressaltar que o docente isolado não consegue alcançar resultados efetivos, uma vez que, o mesmo necessita da parceria e colaboração de outros membros para efetuar tais efeitos. Desse modo, elucidamos que “Hoje em dia existe cada vez mais a necessidade de a escola estar em perfeita sintonia com a família. A escola é uma instituição que complementa a família e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de todos”. (PICANÇO, 2012, p. 14)

Nesse sentido, verifica-se o quão importante é o equilíbrio e a harmonia que deve haver entre essas instituições sociais, uma vez que, estas unidas propiciam um melhor desempenho e desenvolvimento da criança em seus vários aspectos, sejam estes sociais, afetivos, cognitivos, culturais, etc. Ocasionalmente assim, uma parceria positiva no processo de ensino aprendizagem, visando a construção e desenvolvimento de interesses mútuos entre a escola e a família.

Ao término do questionário, foi indagado a respeito da relação existente entre as docentes e os seus respectivos familiares em relação a sua profissão. Tivemos dessa forma as seguintes afirmativas:

Corrinha: Ótima, pois todos me apoiam porque sabem que eu faço o que eu gosto. Eles veem nos meus olhos o quanto eu sou feliz no que faço e planejo em casa para trazer para minhas crianças. A família é a base de tudo para nos fortalecer na nossa profissão.

Sol: Minha relação com a minha família em relação a isso, é muito boa, pelo menos agora. No início eles não queriam aceitar a minha decisão, pela questão que é uma profissão não valorizada e que não compensa financeiramente, mas com o tempo eles foram se acostumando com a ideia, e viram que isso era realmente o que eu queria. E hoje me sinto muito bem tanto em relação a minha profissão quanto com a relação que tenho com a minha família.

Nota-se que ao que concerne o trabalho desenvolvido por ambas as educadoras, elas possuem o apoio, consentimento e valorização de suas respectivas famílias, pois estas percebem que de fato as docentes gostam do que fazem e sentem-se bem em executar tal função.

Tendo apenas um pouco de restrição no início da carreira em relação a educadora “Sol”, justamente pela não valorização e reconhecimento que culturalmente há em nossa sociedade em relação a esta profissão. Mas que com o decorrer do tempo, houve uma mudança neste aspecto, e atualmente ambas conseguem obter uma boa relação com os seus familiares no que tange este elemento de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, em decorrência de todos os aspectos aqui elucidados, pode-se concluir o quão fundamental torna-se as relações interpessoais no que se refere ao processo pedagógico e educativo tanto ao que é pertinente aos profissionais envolvidos neste processo (docentes e não docentes), como também aos próprios educandos e demais sujeitos que fazem parte do seu contexto sócio cultural.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela et al. **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COLLING, **O gestor como facilitador nos processos de ensino e aprendizagem**. Centro Universitário Franciscano – UNIFRA; 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRESCHI. Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. **Revista de Educação do Ideau**. Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013 Semestral.

GRILLO, M. **O professor e à docência**: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.

HAYDT, Regina Célia. **Curso de didática geral**. 2 a ed. São Paulo: Ática, 1995.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia diferencial e estudos em educação**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de; **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**, 3º ed. revista e ampliada - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PICANÇO Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família** – as suas implicações no processo de ensino aprendizagem. Mestrado em ciências da educação – supervisão pedagógica, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RODRIGUES, S.A; GARMS, G.M.Z. O lugar da afetividade no ambiente de aprendizagem: desafio da prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v.1, n.2, p. 1-9, 2006.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.